

O PROJETO DE EVANGELIZAÇÃO DA CNBB “RUMO AO NOVO MILÊNIO”

Alberto Antoniazzi

Pretendemos apresentar aqui o Projeto “Rumo ao Novo Milênio” (1996-2000), que a CNBB lançou há alguns meses e que promete ocupar um lugar relevante na ação pastoral nos próximos anos. Não nos deteremos na descrição do Projeto, que supomos conhecido em suas grandes linhas ou que é facilmente acessível nos documentos da CNBB¹. Procuraremos principalmente explicitar pressupostos e fatores, que levaram à formulação e implantação do Projeto, e levantar questionamentos e interrogações, que merecem ser refletidos e resolvidos, a fim de evitar que o Projeto termine num resultado pífio e decepcionante, apesar das grandes expectativas suscitadas inicialmente.

¹ O documento que contém o Projeto é o nº 56 da coleção publicada por Paulinas (S. Paulo, 1996). Para uma melhor compreensão do Projeto, é importante ler as *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil 1995-1998* (documentos da CNBB, 54; S. Paulo, Paulinas, 1995).

1. O Projeto "Rumo ao Novo Milênio": o que é? o que pretende?

Foi a 34ª Assembléia Geral do Episcopado Brasileiro, realizada em Itaici (Indaiatuba, SP), no mês de abril de 1996, que lançou o "Projeto de Evangelização da Igreja no Brasil em preparação ao grande Jubileu do ano 2000", cujo nome e lema é: "Rumo ao Novo Milênio".

A decisão da Assembléia foi preparada desde o ano anterior. Já a 33ª Assembléia da CNBB (maio de 1995) tinha aprovado as grandes linhas do Projeto, apresentadas por Dom Serafim Fernandes de Araújo, então vice-presidente, em nome da Presidência que estava encerrando seu mandato. Nesse primeiro documento, além da Presidência da CNBB, tinham trabalhado várias pessoas, entre as quais o Presidente da CRB, padre Edênio Valle SVD, e assessores da CNBB na área da catequese.

Mais decisivo ainda foi o fato que a 33ª Assembléia aprovara as *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora na Igreja do Brasil* para o período 1995-1998, documento central na dinâmica do planejamento pastoral da CNBB². O Projeto "Rumo ao Novo Milênio" pode ser visto como uma síntese da "Tertio Millennio Adveniente" com as "Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora" da Igreja no Brasil, dentro dos critérios aprovados pela Assembléia de 1995.

Naturalmente não faltarão os que vão julgar presunçosa ou equivocada essa retomada da "pastoral de conjunto" num momento histórico em que o individualismo e a fragmentação parecem ter penetrado profundamente a cultura em que vivemos e o próprio ambiente eclesial. "Cada um na sua" é não só o lema, mas a prática efetiva da grande maioria, mesmo dos eclesiásticos e agentes de pastoral. Mas, como reação a essa situação, o Projeto parece encontrar acolhida entre os que estão convencidos de que a rendição à moda reinante do individualismo não é senão o primeiro passo rumo a ulteriores rendições e decepções. Por isso, o Projeto tem chances de se firmar e de representar um verdadeiro avanço da ação pastoral e evangelizadora.

2. Recepção criativa e originalidade do Projeto

A caminhada da pastoral brasileira não foi em vão. Acompanhou as mudanças dos tempos. Estimulou o amadurecimento da própria con-

² A Igreja do Brasil empreendeu a caminhada do planejamento pastoral e o esforço de conjunto antes do Concílio, desde o "Plano de Emergência" (1962) e o "Plano de Pastoral de Conjunto" (1965), seguidos pelas diversas edições (1975, 1979, 1983, 1987, 1991, 1995...) das "Diretrizes Pastorais".

cepção de planejamento e ação pastoral. Assim o Projeto "Rumo ao Novo Milênio" se apresenta não apenas como notavelmente mais rico e diversificado que o "Plano de Emergência" e mesmo o admirável "Plano de Pastoral de Conjunto", elaborado no final do Concílio Vaticano II. Traz principalmente um estilo diferente de propostas. Não mais um plano mais ou menos rígido, em que os "técnicos" ditam as diretrizes da ação, mas um conjunto de estímulos, para que pessoas, comunidades, organizações diocesanas ou regionais respondam criativamente, a partir de sua consciência da realidade e de suas opções próprias.

A "recepção criativa" é a primeira das orientações práticas do Projeto³ (cf. "Rumo ao Novo Milênio", V parte, nº 167-179). Talvez seja a primeira vez que se dá destaque a este aspecto, que na prática já estava presente na caminhada pastoral. De fato, há anos o estilo de planejamento dos anos '60 fora substituído pelo "planejamento participativo", mas também por uma tendência à autonomia e ao particularismo, gerando grande fragmentação da ação pastoral. Além disso, uma pesquisa do Secretariado Geral da CNBB, no final de 1994, visando preparar as novas "Diretrizes", tinha deixado claro que os Planos Pastorais Diocesanos (que não são, evidentemente, toda a pastoral!) contemplavam freqüentemente (75% dos casos) as dimensões "comunitária" e "catequética", mas muito menos as outras "dimensões" pastorais: sócio-transformadora (33% dos planos), litúrgica (20%), missionária (12%) e ecumênica (que nenhum plano indicava como prioritária!).

Apesar do apelo à "recepção criativa", o Projeto não podia deixar de indicar positivamente diretrizes de ação e, mais do que isso, orientações práticas, subsídios, instrumentos. De outra forma, o risco de continuar na situação anterior - de dispersão de muitos esforços e de pouca ou nenhuma atividade em muitos campos - era grande. Qual estratégia de ação adotar?

3. A estratégia do projeto

Falamos aqui de "estratégia" para indicar o aspecto racional do Projeto, sua tentativa de usar racionalmente os meios para alcançar os fins ou objetivos que se propõe.

a) O primeiro objetivo do Projeto é *revigorar a evangelização*. Como? O Projeto parte da hipótese que os cristãos possam e devam, todos, assumir um papel ativo na evangelização. Por outro lado, tem

³ Cf. *Rumo ao Novo Milênio* (doc. CNBB, 56), V parte, nº 167-179.

consciência de que esta não é a situação efetiva. O laicato católico e mesmo parte dos agentes pastorais não se dedicam à evangelização. Participam mais passiva do que ativamente da vida eclesial. Usam da comunidade cristã como de um refúgio ou abrigo, que os proteja pessoalmente, mais do que como de um ponto de partida para uma missão dirigida aos muitos irmãos que ainda não descobriram a força do Evangelho.

Daí a necessidade de assumir um *segundo objetivo*: segundo na ordem da intenção, como se dizia antigamente, mas primeiro na ordem da execução. Em outras palavras, um objetivo subordinado, até secundário, se quisermos, mas urgente, que deve ser alcançado imediatamente para tornar possível a consecução do objetivo principal. O Papa fala de um "revigoramento da fé e do testemunho dos cristãos" (cf. TMA 42). O Papa explicita as exigências desse revigoramento: um verdadeiro *anseio de santidade* em cada fiel, um forte *desejo de conversão e renascimento pessoal*... E coloca esse objetivo, que ele julga prioritário (mas certamente subordinado à evangelização), no primeiro ano de preparação do jubileu.

A busca do revigoramento da fé e do testemunho exige, sem dúvida, um esforço para aprimorar a *formação dos cristãos*. E a formação era o pedido, de longe o mais freqüente, que sobressaía na pesquisa da CNBB de 1994 junto às dioceses. O fato é certamente significativo e provavelmente indica, entre outros motivos, que a maioria dos agentes de pastoral se percebe pouco preparada para enfrentar as exigências da evangelização e mesmo para viver coerentemente a fé cristã no mundo de hoje.

Logo, o Projeto foi estruturado a partir dessa preocupação do revigoramento da fé e do testemunho dos cristãos para lhes dar uma dimensão missionária, evangelizadora.

b) Uma *outra opção* foi feita na hora de passar do objetivo aos meios. A escolha dos Bispos brasileiros - evidentemente baseada em diversas experiências anteriores - foi a de *privilegiar a liturgia dominical*, seja porque ela reúne incontestavelmente, com regularidade, o maior número de fiéis, seja porque a teologia do Vaticano II vê na liturgia a atualização da história da salvação e o momento mais significativo do encontro com o Cristo vivo na sua Igreja. Esta opção, além de revalorizar a Liturgia como centro da vida cristã, quer dar um especial destaque à Bíblia na vida cristã, o que também é um dos frutos da caminhada pastoral dos últimos anos no Brasil.

Mas na situação atual de nossas paróquias e comunidades, embora seja extremamente importante melhorar a qualidade das celebrações e das homilias, aproximando-as da experiência de vida e do sentimento

religioso do povo, a liturgia dominical não basta. É preciso que o católico praticante, se quiser assumir pessoal e ativamente sua fé, encontre um espaço complementar para aprofundar sua experiência cristã. A prática de reunir os católicos semanalmente em grupos, onde possam confrontar o evangelho (ou outras páginas da Sagrada Escritura) com a vida quotidiana, tem-se revelado particularmente eficaz. Tanto mais que esses grupos, em lugar de se limitarem a uma reflexão ou meditação, podem prolongar suas descobertas em novas práticas de solidariedade, de serviço, de diálogo com os outros, de evangelização.

Contudo, esses grupos, não têm geralmente condições de empreender ações de maior envergadura, nem mesmo de discernir os problemas mais sérios da realidade de hoje - particularmente da realidade urbana, notavelmente complexa - se não receberem um apoio e uma orientação, que lhes permita inclusive operarem em sinergia uns com os outros, de modo a somarem seus esforços e a conseguirem um efeito mais consistente sobre a sociedade ou o meio social em que estão inseridos. Daí que o Projeto assumiu o compromisso não apenas de cuidar da formação dos católicos, através da liturgia e da Bíblia, mas também de indicar pistas concretas para a ação pastoral e evangelizadora.

4. A articulação do Projeto

Concretamente, o aspecto bíblico-litúrgico do Projeto foi pensado a partir dos temas propostos pelo Papa na TMA: Jesus Cristo, a fé e o batismo em 1997; o Espírito Santo, a esperança e a crisma em 1998; Deus-Pai, a caridade e a reconciliação em 1999. Os evangelhos dominicais desses anos litúrgicos - respectivamente: Marcos ('97), Lucas ('98) e Mateus ('99) - se prestam a desenvolver os temas de Jesus Cristo e da fé, do Espírito Santo e da esperança, de Deus-Pai e da caridade. Está previsto, para cada ano, uma espécie de texto-base⁴ e uma série de subsídios (roteiros de celebrações e homilias, para celebrantes e equipes litúrgicas, e roteiros de grupos de reflexão sobre os evangelhos dominicais, para uso dos fiéis) para os períodos de Advento e Natal, Quaresma, Tempo Pascal e Tempo Comum (agosto/novembro). Nos períodos deixados vazios (janeiro/fevereiro e junho/julho) estão previstos subsídios especializados, para uso de grupos ou equipes engajados na animação de pastorais específicas⁵.

⁴ O texto para 1997 ficou pronto desde novembro de 1996 e a CNBB o publicou, junto à Editora Paulinas (S. Paulo) com o título "Caminhamos na estrada de Jesus".

⁵ Só para 1997 já estão disponíveis subsídios sobre Formação de Evangelizadores, Pastoral do Batismo, Ecumenismo, e um Curso Bíblico Popular sobre o Evangelho de Marcos.

A estrutura do Projeto foi calcada sobre as quatro "exigências" da evangelização, definidas pelas *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora* (DGAE) da CNBB para 1995-1998. As DGAE oferecem quatro campos de ação, que correspondem às quatro exigências fundamentais da evangelização: SERVIÇO, DIÁLOGO, ANÚNCIO, COMUNHÃO.

O campo da "COMUNHÃO" (do testemunho de comunhão fraterna das comunidades eclesiais) foi colocado em primeiro lugar, pelas razões acenadas, enquanto o trabalho de formação dos evangelizadores, através da melhoria de qualidade da liturgia, da homilia, da reflexão bíblico-catequética, recebeu prioridade, para que seja o ponto de partida para levar os católicos praticantes a assumirem um papel mais ativo nos campos do SERVIÇO, do DIÁLOGO, do ANÚNCIO. Na prática, o Projeto quer incentivar dioceses, paróquias e comunidades para que estimulem a participação dos fiéis nos diversos campos da evangelização: *serviço* (pastorais sociais, solidariedade com os pobres e excluídos...), *diálogo* (reconhecimento e valorização das outras culturas, especialmente das minorias marginalizadas; ecumenismo; aproximação dos que pensam diferente...), *anúncio* (difusão missionária do evangelho junto aos católicos menos ligados à comunidade eclesial e junto às pessoas afastadas de toda prática religiosa).

5. Algumas dificuldades

a) A valorização da liturgia dominical exige uma revisão de certas práticas pastorais, introduzidas com as melhores das intenções, mas que acabaram sufocando o ano litúrgico e fragmentando seu desenvolvimento, colocando inclusive muitas vezes problemas específicos da organização eclesial na frente do evangelho e do mistério de Cristo presente na ação litúrgica e salvífica. Há um excesso de "dias", "semanas", "meses", dedicados a temas específicos, que não combinam com a liturgia e distraem dela.

A proposta do Projeto não é uma "limpeza total" do ano litúrgico, eliminando os "penduricalhos" que lhe foram dependurados, quase como enfeites que agora escondem a verdadeira natureza da liturgia cristã. A proposta é uma harmonização entre a liturgia e os temas eclesiais realmente necessários. Vamos oferecer alguns exemplos, começando pelos "meses temáticos" mais conhecidos e difundidos. Há quase 50 anos, os Bispos introduziram, no último domingo de setembro (próximo do dia de S. Jerônimo) um Dia da Bíblia. Posteriormente, introduziram-se Semanas Bíblicas e, desde 1971, começou

a ser promovido o Mês da Bíblia. Não há dúvida de que estas iniciativas tiveram um sentido pedagógico e contribuíram para suscitar o admirável movimento de pastoral bíblica e de difusão da leitura bíblica popular. Surge, porém, hoje a questão se, nesta altura, a instituição do Mês da Bíblia continua sendo útil e oportuna, ou se não se deve fazer finalmente da Bíblia uma presença ativa e querida durante o ano inteiro, valorizando antes de tudo a presença da Bíblia na própria liturgia reformada pelo Vaticano II de forma a desdobrar toda a riqueza da Sagrada Escritura no ciclo trienal dos domingos e no ciclo bienal dos outros dias da semana. O Projeto chegou a um entendimento, em diálogo com as organizações que sustentam o Mês da Bíblia (como SAB e CEBI), no sentido de: 1º) adotar os evangelhos de Marcos (em 1997), Lucas (1998) e Mateus (1999) como livros bíblicos a estudar; 2º) desvencilhar a publicação dos subsídios do Mês da Bíblia do mês de setembro (aliás, há uma divergência a superar entre católicos e evangélicos quanto ao "dia" e ao "mês" da Bíblia...), para torná-lo disponíveis ao longo do ano inteiro, deixando as comunidades a escolha do momento mais oportuno para inseri-los em suas atividades comunitárias.

Outras soluções parecidas foram concordadas com os promotores do Mês Vocacional (agosto) e do Mês Missionário (outubro).

b) Uma segunda dificuldade se encontra na hora de traçar indicações mais concretas para as atividades chamadas de SERVIÇO, DIÁLOGO e ANÚNCIO. É evidente que a experiência da Igreja no Brasil apresenta, nestes campos, pontos altos e baixos. Se, por exemplo, o campo da pastoral social já foi explorado amplamente e se pode contar com muitas realizações valiosas e agentes pastorais preparados, o mesmo certamente não se pode dizer do ecumenismo. Mesmo assim, diante da rapidez e violência das mudanças sociais, não é raro constatar que muitas respostas pastorais foram pensadas para problemas relevantes no passado, mas não atendem às necessidades mais urgentes no momento e mais recentes. O próprio campo do "anúncio" (ou da evangelização em sentido estrito: anúncio do evangelho aos que ainda não o receberam ou estão de fato afastados da comunidade eclesial e da vida cristã) não tem sido objeto da devida atenção, senão em alguns casos ou setores. Em particular, os dois extremos da "escala social" - os mais pobres e os mais ricos - são pouco atingidos.

Ainda não está claro em que medida a própria CNBB e os organismos a ela ligados conseguirão produzir orientações e subsídios adequados, em condições de criar novas formas de ação nestes campos, capazes de envolver as bases, as comunidades e paróquias, evitando que aspectos essenciais da evangelização permaneçam como

responsabilidade apenas de pequenos grupos ou de profissionais especializados.

c) Outra dificuldade evidente é a extensão e a diversidade da sociedade brasileira. A produção centralizada de orientações e subsídios pode satisfazer a uma grande massa, que se situa próxima de um padrão médio ou geral de linguagem, de cultura, de experiência religiosa. (A televisão já tem aberto o caminho neste sentido). Mas certamente não atende a situações regionais específicas, a casos particulares, a todos que - por um motivo ou por outro - se situam longe do "padrão" médio.

A dificuldade poderia ser superada pela "recepção criativa", pela produção regional de orientações e subsídios, adequados à realidade local, inspirados mais no espírito do Projeto do que em suas expressões materiais e contingentes. De fato, embora ainda não tenha sido realizada uma avaliação confiável e relativamente completa das respostas locais, parece que a ampla produção de subsídios nacionais não sufocou a iniciativa local, mas provocou uma reação positiva, uma multiplicação de iniciativas originais, um esforço de adaptação ou reinterpretação valioso.

d) Certo é que toda a ação evangelizadora e pastoral carece de levar mais a sério o princípio de inter-ação, já formulado pelo documento "Catequese Renovada"⁶. Este princípio sugere que toda ação evangelizadora ou pastoral deve colocar em relação, ou fazer interagir, a Palavra de Deus testemunhada pela comunidade eclesial e a experiência de vida das pessoas e grupos interpelados. Ao contrário, sobretudo em sua fase tridentina, a pastoral foi concebida em termos unidirecionais: há só uma autoridade, detentora da verdade e da reta disciplina, que a ensina ou comunica, mesmo sem verificar que o povo a compreenda corretamente. Além disso, a experiência religiosa das pessoas era subestimada ou ignorada, face a uma preocupação unilateral com a apresentação "objetiva" do dogma ou das normas de vida ditadas pelo Magistério eclesiástico. Ainda, houve, sem dúvida, um excesso de intelectualismo, senão de racionalismo, na apresentação da verdade cristã como doutrina mais do que como experiência de vida, caminho, seguimento da pessoa de Jesus Cristo.

Hoje parece claro que a sensibilidade religiosa atual, pelo menos no contexto das sociedades "pós-modernas" e urbanas, é marcada por um interesse muito maior pela dimensão afetiva e estética, pela busca do maravilhoso e daquilo que transcende a razão. Sem cano-

⁶Cf. CNBB, *Catequese Renovada*, S.Paulo, Ed. Paulinas, 1983 (documentos da CNBB, nº 26), especialmente §§ 110-117.

nizar esta religiosidade de contornos mal definidos, é preciso - contudo - prestar mais atenção a ela, se quisermos que as pessoas possam se aproximar realmente da experiência cristã, do "encontro com Jesus Cristo vivo"⁷.

O princípio da inter-ação é precioso também face ao pluralismo cultural e religioso reinante e ao contexto de autonomia do indivíduo, em que cada um pretende construir sua própria identidade. Somente o reconhecimento e a valorização da resposta pessoal, individual, ao apelo de Cristo à conversão e ao acolhimento do Reino, abrirá o caminho da adesão de homens e mulheres de hoje ao evangelho.

Com isso, acreditamos que poderá ser levada a exigência fundamental da inculturação, sobre a qual até agora não insistimos. Ela não será esquecida e se tornará progressivamente uma realidade, se no pluralismo e na fragmentação atuais da cultura, mais do que sonhar com um catolicismo "brasileiro" ideal, houver a paciência e a perseverança de operar a inculturação da fé, a partir da inserção dos cristãos em seu meio e da busca de expressões religiosas que sejam respostas às reais demandas das pessoas.

6. Algumas vantagens

Por outro lado, o Projeto oferece diversas vantagens ou oportunidades de avanço da ação pastoral.

a) A primeira é que o Projeto coloca à disposição de todas as dioceses, paróquias e comunidades, o que até agora foi experiência privilegiada de poucas. Frequentemente, na ação pastoral, algumas comunidades e alguns pastores percebem - por um dom profético - mais cedo do que outros as novas exigências emergentes e, sobretudo, as respostas mais adequadas. No início, essas respostas têm um caráter experimental e vão se aperfeiçoando com a continuação da experiência, sua avaliação e revisão. O tempo se encarrega também de varrer experiências, talvez boas, mas que não encontraram condições para se consolidar.

No campo bíblico-litúrgico, bem como no campo da pastoral social e outros, a Igreja no Brasil desenvolveu experiências muito significativas, que oferecem uma fundada esperança de poder ser estendidas e generalizadas, em benefício de todos. O Projeto quer fazer isso: com base nas melhores experiências dos últimos anos, oferecer diretrizes e subsídios práticos para que muitas comunidades possam

⁷ Título do próximo Sínodo dos Bispos para a América.

se inspirar nas experiências já consolidadas, para estendê-las a novas áreas pastorais sem repeti-las mecanicamente,

O Projeto, portanto, não tem pretensões de se colocar na vanguarda da pesquisa pastoral ou de tentar caminhos nunca antes percorridos. O Projeto quer oferecer, à maioria das comunidades, associações, movimentos e pastorais, pistas de trabalho que já foram experimentadas e que possam gozar de uma aceitação ampla. Isso, evidentemente, não impedirá que alguém se sinta chamado a novas experiências, mais ousadas, que - se abençoadas pelo Espírito - serão uma luz, no futuro, para toda a caminhada da Igreja.

Os próprios agentes de pastoral, em primeiro lugar os párocos, encontrarão vantagens no Projeto. Eles terão à disposição - para si, para seus colaboradores e para as comunidades - subsídios que ajudarão a realizar atividades pastorais importantes, seja melhorando a qualidade daquilo que estão acostumados a fazer (celebrações litúrgicas, homilias, grupos de reflexão...), seja criando novas iniciativas, nos diversos campos da evangelização.

A disponibilidade de subsídios e de atividades promovidas a diversos níveis - paroquial, setorial, diocesano, regional, nacional - deverá também ajudar padres e agentes de pastoral a realizar mais eficaz e rapidamente muitas tarefas permanentes e necessárias, deixando mais tempo e recursos disponíveis para a criatividade ou para a realização de tarefas opcionais, em que o agente pode agir segundo suas qualidades pessoais e com mais gosto.

b) Outra importante contribuição do Projeto será a indicação de uma ordem de prioridades, que muito falta na ação pastoral atual. De fato, a maioria dos padres e agentes estão sobrecarregados, pelo menos se levarem a sério suas responsabilidades em paróquias de vinte mil habitantes, em média, como é o caso em quase todas as regiões do Brasil. Nestas condições, é impossível alcançar todo o público. Tendo consciência de que está servindo adequadamente apenas 10%, na melhor das hipóteses 15 ou 20% dos paroquianos, o pároco e seus colaboradores tentam desdobrar-se para alcançar a todos, geralmente privilegiando a prática sacramental, em prejuízo da evangelização e da qualidade dos serviços prestados. Está bastante claro que uma "sacramentalização" apressada não leva a nenhum resultado sólido. Ao contrário, está na origem da migração de muitos católicos para outras igrejas e religiões. Impõe-se, portanto, ao lado da multiplicação de agentes qualificados, o estabelecimento de prioridades pastorais pensadas com critérios de autenticidade evangélica e de sadia metodologia. O Projeto oferece, em suas propostas e subsídios, elementos para uma pastoral bem orientada, capaz de gerar

um processo de progressivo envolvimento das massas de católicos até agora mal servidos por uma pastoral generosa, mas desordenada.

Não somente os párocos, mas também a organização diocesana e as pastorais especializadas necessitam hoje de uma revisão de prioridades e de uma melhor articulação. Já acenamos ao fato, que nos parece incontestável - desde o nível nacional até o nível paroquial - de uma tendência das pastorais a cuidar cada uma de seu campo (às vezes, de sua pequena horta), sem a preocupação de articular seu trabalho com o de outras pastorais. Geralmente a equipe de liturgia ignora o trabalho dos catequistas (e vice-versa), a pastoral social não tem nenhum contato com o ecumenismo e inversamente, o grupo missionário age fora da paróquia e sem conhecimento por parte dela ou de quase todos os paroquianos. A situação pode parecer inevitável e incorrigível no atual contexto. Mas as pessoas e os grupos humanos concretos não dividem sua vida, sua fé e suas práticas religiosas segundo os compartimentos estanques de nossas pastorais. O cristão adulto, hoje mais do que nunca, precisa entrosar e unificar o que liturgia, catequese, estudos bíblicos, ação social e variadas formas de participação eclesial (celebrações, devoções, pastorais, movimentos, associações...) lhe oferecem. O Projeto é uma oportunidade e um desafio e pensar a ação pastoral como um todo, *a que se dirige à pessoa* (e ao grupo ou comunidade em que está inserida). Não teria chegada a hora de repensar atividades pastorais dispersas e desentrosadas, feitas com generosidade mas sem clareza de objetivos, para que se ponham realmente a serviço do povo cristão e não de ideais abstratos e, às vezes, defasados no tempo?

c) Finalmente, o Projeto, oferecendo a possibilidade de novas experiências aos pastores e propiciando sua atualização, estimula a renovação e - por que não? - o rejuvenescimento de quantos estão engajados na ação evangelizadora e pastoral, devolvendo novamente o gosto do serviço e da ação generosa aos que estavam tentados pela decepção e a impressão do declínio, ou até da inutilidade de seus esforços.

Condição indispensável para a realização do Projeto de evangelização "Rumo ao Novo Milênio" é, certamente, a multiplicação dos agentes e de um novo espírito de cooperação e fraternidade entre eles. Absurdo seria refrear ou dificultar a ação evangelizadora por desentendimento entre padres, agentes, religiosos e leigos, até por humanas e compreensíveis, mas não por isso menos condenáveis questões de ciúme, rivalidade ou disputas de poder. Uma nova aproximação e parceria, em espírito fraterno, entre todos os membros da comunidade eclesial, é uma exigência intrínseca da evangelização. "Para que o mundo creia", como lembra o evangelho de João (17,21).

Nunca será demais recordar também que tudo na Igreja deve ser construído, como se expressava felizmente Puebla, pela "comunhão e participação", usando o sábio princípio do direito canônico medieval (de Graciano a Bonifácio VIII!): "Quod omnes tangit, ab omnibus probari debet". "O que interessa a todos, deve ser aprovado por todos": princípio que os medievais aplicavam aos sínodos e concílios, não apenas em matéria pastoral, mas também em questão de fé. Também os leigos deviam contribuir na afirmação e defesa da fé.

Assinalemos, porém, que o Projeto não visa a se apoiar apenas sobre a participação e o consenso dos fiéis católicos. O Projeto é amplamente ecumênico e procura, especialmente no campo do "serviço" à sociedade, na promoção da justiça e da paz, a parceria de todos os cristãos e de todas as pessoas de boa vontade, sem discriminação ideológica. Caberá não apenas aos organismos nacionais da CNBB, mas a todos e cada um dos cristãos - nos diversos níveis de atuação: regionais, diocesanos, paroquiais, de base... - fazer que estes objetivos se tornem realidade.

Endereço do Autor:
Av. 31 de Março, 1020
30535-000 Belo Horizonte — MG